

MUSICALIDADE FEMININA EM PERSPECTIVAS TRANSNACIONAIS: MARIAMA CAMARA E LENNA BAHULE

Female musicality in transnational perspectives: Mariama Camara and
Lenna Bahule

Miki Takao Sato

RESUMO: A cidade de São Paulo, considerada um dos principais polos culturais do país, vivencia atualmente o processo da migração africana de forma intensa e carregada de desafios. A partir do recorte metodológico da etnografia e as relações dialógicas em contextos urbanos, o presente trabalho traz a trajetória artística de duas interlocutoras para levantar reflexões sobre seus e trabalhos artísticos no contexto dos seus processos migratórios. A musicalidade e expressões artísticas aqui entendidas como caminhos para construir espaço e marcar presença no cenário cultural da cidade, e também como possibilidade de ampliar a paisagem sonora das linguagens e expressões africanas e afro-brasileiras. As contribuições e reverberações das suas atividades transcendem a discussão das artes na migração, e se inserem no multiculturalismo da cidade, nas relações identitárias e da alteridade colocada, da emergência e o reconhecimento da mulher africana na cena pública.

PALAVRAS-CHAVE: Arte; Musicalidade; Migração africana; Mulher.

ABSTRACT: The city of São Paulo, considered one of the main cultural centers of the country, experiences in its contemporaneity the process of African migration in an intense and full of challenges. Based on the methodological approach of ethnography and dialogical relations in urban contexts, the present work brings the artistic trajectory of two interlocutors to raise reflections on their artistic works in the context of their migratory processes. The musicality and artistic expressions understood here as ways to build space and make a presence in the cultural scene of the city, and as a possibility to expand the soundscape of African and Afro-Brazilian languages and expressions. The contributions and reverberations of its activities transcend the discussion of the arts in migration, and are inserted in the multiculturalism of the city, in the relations of identity and the otherness posed, the emergence and the recognition of African women in the public scene.

KEY WORDS: Art; Musicality; African migration; Woman.

Editor Geral

Ivaldo Marciano de França Lima
ivaldomarciano@gmail.com

MUSICALIDADE FEMININA EM PERSPECTIVAS TRANSNACIONAIS: MARIAMA CAMARA E LENNA BAHULE

Miki Takao Sato ¹

Introdução

O cenário musical e cultural na cidade de São Paulo sempre foi marcado por inovações, vanguarda, ousadia, novidades, configurando-se numa pluralidade de estilos, manifestações, grupos, artistas, iniciativas e coletivos que dinamizam a cena contemporânea artística da cidade. Concomitantemente, a cidade também é destino de fluxos migratórios importantes no país, com pessoas oriundas de diversos países do mundo, chegando por diferentes motivos, por deslocamentos forçados ou voluntários. Uma pauta importante da discussão contemporânea é a migração africana recente para o país, com adensamento e destaque nas pesquisas acadêmicas, mídias e veículos de comunicação, debates, mobilizações sociais por reivindicação de direitos humanos, dados demográficos consistentes e expressividade na vida cotidiana da metrópole.

Os deslocamentos migratórios são permeados por uma complexidade de processos e envolvem muitos fatores e questões, e tem sido destaque nos veículos de comunicação e nos debates atuais como um dos grandes temas e desafios do mundo contemporâneo. As relações de alteridade, construções identitárias nos processos migratórios, interculturalidade, direitos humanos, são apenas algumas das questões inerentes à essas reflexões. E quando discutimos migração e sua interface com a cultura e a arte nesse contexto?

A partir da narrativa de duas artistas de países africanos em São Paulo, o presente trabalho visa levantar uma discussão sobre a musicalidade, a dança e a cultura no contexto da migração, a partir das histórias e percursos dessas artistas. Como suas atividades e trabalhos artísticos, que são também cotidianos e instrumentos de possibilidades econômicas, sociais e relacionais também são carregados de múltiplos significados, identidades e sentidos para suas trajetórias pessoais e profissionais no contexto da migração para a cidade de São Paulo.

Uma outra dimensão acerca das suas trajetórias insere-se na cena cultural paulistana, onde através das suas linguagens artísticas, sua estética, musicalidade, corporeidade e outros elementos contribuem para sua dinamização, enriquecem o multiculturalismo da cidade, ampliam a paisagem sonora e cultural desse cenário, renovam o espaço contemporâneo e também colocam em destaque e tecem um diálogo importante com as expressões africanas e afro-brasileiras.

¹ Terapeuta ocupacional, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. Colaboradora da Casa das Áfricas – Núcleo Amanar. Contato: mikitsato@gmail.com

O presente texto é resultado de desdobramentos do trabalho de campo realizado para a pesquisa de mestrado² e as reverberações acerca da vida das mulheres africanas na cidade de São Paulo. Uma das interfaces que se colocou como ponto de reflexão foi a questão identitária dessas mulheres com a música e a arte. Tendo a etnografia como direcionamento metodológico, abarcaremos alguns pontos dos percursos e produções dessas mulheres para enriquecer a discussão.

A pesquisa de campo que precedeu o trabalho final da dissertação consistiu em pesquisa etnográfica com mulheres africanas na cidade de São Paulo e seus diversos fazeres artísticos³. Foi realizado acompanhamento em diversas situações, entrevistas, conversas, trocas de experiências, registros em diários de campo e imagéticos, onde o trabalho de campo ocorreu entre os anos de 2015 e 2016. A dissertação final contou ainda com mais interlocutoras, mas para o presente trabalho fez-se o recorte de apenas duas por conta das suas trajetórias artísticas e suas contribuições para a discussão da temática proposta.

O campo é múltiplo, carregado de desafios, tensões, estranhamentos, encontros e possibilidades. Assim, a complexidade do campo também requer descentramentos de saberes, disponibilidade do pesquisador para novos olhares e também do próprio interlocutor a outros encontros e possibilidades e assim, a etnografia propõe-se a colocar em questão esses e outros desafios (MAGNANI, 2009; SILVA, 2006).

Etnografia requer superar formas tradicionais de coleta de dados e inventar novas possibilidades de experiências e encontros, abertura ao novo e ao desconhecido, à escuta sensível e atenta. Além disso, propõe-se a uma relação dialógica com os interlocutores, onde supera-se a dicotomia entrevistado/entrevistador, estabelecendo novas formas de construção relacional, de mediação e interpretação, de relações de alteridade e postura crítica e reflexiva em relação à pesquisa e àquilo que é lhe apresentado e vivenciado (SCHMIDT, 2006).

Uma outra dimensão metodológica considerada é a etnografia em contextos urbanos, uma vez que a relação das interlocutoras com a cidade de São Paulo foi tema de discussão no campo e no trabalho. José Guilherme Magnani (2002) propõe pensar na relação do espaço urbano em constante movimento em relação aos novos cenários da migração por exemplo, e os diferentes rearranjos na vida dessas pessoas que migram nas esferas econômicas, religiosas, culturais e tantas outras. Como as interlocutoras dialogam com esses cenários, pedaços e circuitos tanto em perspectivas individuais como coletivas, para criar dinâmicas de transformação, de produção de vida e sentido para seu movimento migratório no cotidiano da cidade. As esferas das suas atividades artísticas, fazem interlocução com o cenário cultural efervescente e múltiplo da cidade, en-

² Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos. Linha de pesquisa: Redes sociais e vulnerabilidade. Defendida em 2017.

contrando nele oportunidades de reconhecimento, de pertencimento, possibilidades econômicas e inscrição da temática africana na cena cultural de São Paulo.

A cidade de São Paulo historicamente sempre foi destaque nos fluxos migratórios do país ao longo do tempo, e atualmente concentra um número importante de migrantes de diversos países do mundo, e também uma parcela significativa de pessoas vindas dos países africanos (NOVOS BRASILEIROS, 2018). A migração africana intensificou-se no país principalmente a partir dos anos 1980 e 1990, em decorrência dos processos de lutas de independência e conflitos pós-coloniais, com acordos de cooperação bilateral técnico-científica entre o Brasil e países africanos e também com o endurecimento das fronteiras dos países do Norte (RODRIGUES, 2014; SERRANO, 2011).

É visível, na região central da cidade, por exemplo, uma importante presença dessas pessoas, seja em atividades econômicas, nos comércios, restaurantes típicos, salões de beleza especializados em estética afro, coletivos religiosos e artísticos (SATO, 2017). Esses espaços e cenários encontram ressonância no cenário multicultural da cidade e também no crescimento e fortalecimento dos debates sobre o movimento negro e da discussão de gênero, por exemplo. Vivencia-se na cidade um intenso debate e pluralidade de manifestações culturais, debates, coletivos de mobilização política e de buscas de direitos, que vão de encontro com esse cenário. Assim, as pessoas oriundas dos países africanos dialogam com essas cenas e a partir daí, criam interlocuções, pontes, oportunidades, fortalecimento e também contribuem para esse dinamismo cultural.

Durante o trabalho de campo, foi perceptível a presença significativa de mulheres africanas nesses e outros espaços, procurando interlocução com esses cenários multiculturais, e com isso, criando novas oportunidades, serviços, iniciativas, mobilizações, identidades e projetos de vida. A migração feminina, segundo Diniz (2009) é um investimento material, cultura e social, onde as mulheres acionam recursos e redes de apoio para seus objetivos e para a concretização dos seus projetos de vida, inseridas num novo contexto sociocultural, da qual também faz parte.

Essas mulheres inserem-se no panorama atual da migração africana contemporânea na cidade de São Paulo, que é marcada por uma multiplicidade de características. São diversas nacionalidades, arranjos coletivos (nacionalidades, religiosas, econômicas) em diálogo com os desafios que a cidade coloca, como questões da política migratória, serviços especializados, possibilidades econômicas, trocas culturais.

O espaço urbano é cada vez mais o espaço da cultura, o lugar onde florescem, desabrocham e fermentam as ideias contemporâneas, os valores de modernidade, a inovação e a criação, porque a cidade congrega, une e reúne, influencia,

³ Os cuidados éticos foram apresentados e negociados ao longo do processo de trabalho da pesquisa.

multiplica, combina e potencializa as várias sensibilidades e talentos (MIRANDA, 2000, p. 108).

São Paulo configura-se como uma das principais cidades do Brasil e uma das grandes metrópoles mundiais, apresenta uma cena cultural e artística pulsante e diversa⁴, abrangendo museus, coletivos artísticos, espaços musicais, teatros, movimentos culturais das periferias, saraus espalhados pela cidade, cena musical independente, arte urbana, grandes exposições, iniciativas gestadas por demandas próprias, empreendimentos culturais, interfaces entre diversas linguagens artísticas, políticas públicas de incentivo e difusão cultural, mostras de cinema, e tantos outros aspectos.

E é nesse cenário cosmopolita que as mulheres apresentadas dialogam, aliando-se a isso o crescente debate e atuação do movimento negro, a discussão em cena do protagonismo de gênero, da mulher negra e do multiculturalismo na migração na cidade.

Migração africana para o Brasil e os processos identitários

A migração africana para o Brasil tem ocorrido em várias dimensões, onde as pessoas buscam novas perspectivas de formação educacional e profissional, reunião familiar, novas oportunidades econômicas, ou muitas vezes são forçadas a solicitar refúgio em outros países por conflitos religiosos, guerras, perseguição política e fatores de ordem ambiental. A cidade de São Paulo, tema e local do estudo referido, tem como desafio o diálogo com essas novas perspectivas da mobilidade humana, visto que destino escolhido por uma parcela significativa dessas pessoas que chegam ao país.

Na literatura acadêmica, a temática da migração africana para o Brasil é extensa e cada vez mais crescente, sendo debatida sob várias perspectivas: direitos humanos, economia, política, ciências sociais, saúde, análise de histórias de vida, processo histórico da migração africana contemporânea, fortalecimento identitário, contribuição intelectual e cultural dos africanos para o Brasil, entre tantos outros (KALY, 2001; MUNGOI, 2012; RODRIGUES, 2014; SERRANO, 2011; SUBUHANA, 2009). Além disso, é destaque também nos meios de comunicação, em expressões artísticas e culturais, na participação desses migrantes nas esferas públicas, movimentos sociais, nos comércios e ações de empreendedorismo e em tantas outras dimensões inseridas na sociedade brasileira.

Baeninger, Demétrio e Domeniconi (2019) relatam que as mudanças das novas formas de circulação de capital e os processos da globalização trouxeram novos desenhos para o mundo

contemporâneo, incluindo aí o fenômeno das migrações. Migrações por motivos econômicos, refúgio, capacitação acadêmica, são novos e múltiplos fenômenos citados na migração africana para o Brasil, além do endurecimento e restrições cada vez mais crescentes das fronteiras dos países do Norte. Essa multiplicidade é revelada através dos dados demográficos apresentados em origens, motivos, escolaridade, meios de vinda ao país, entre outros dados apresentados na pesquisa dos autores.

Assim, a cidade de São Paulo sempre foi destino de processos migratórios importantes ao longo da sua história, e com a migração africana não é diferente. Apesar dos números serem de difícil precisão, controversos e também muitas vezes estimados, devido a um grande número de pessoas que não consegue a regularização migratório de acordo com os parâmetros da legislação brasileira⁵, percebe-se um aumento importante da presença de pessoas oriundas do continente africano na capital paulista (NOVOS BRASILEIROS, 2018). Aqui, encontra-se um cenário múltiplo, com o surgimento de vários grupos culturais e artísticos, grupos com atuação nos direitos humanos, iniciativas de assistência e apoio jurídico, grupos religiosos, estudantes e pesquisadores do continente africano (SATO, 2017).

Ismael Tcham (2016), em sua tese doutorado sobre a imigração africana contemporânea para o Brasil, reforça que a partir de 2003, o país intensificou acordos bilaterais de cooperação técnica e cultural com os países africanos. Essa expansão dos investimentos também contribuiu para a vinda dos imigrantes africanos ao país, seja através de convênios educacionais, como o Programa de Estudantes Convênio de Graduação (PEC-G)⁶, seja por trabalho, ou mesmo por pedidos de refúgio. O autor discute a questão da migração dentro dos estudos de antropologia:

Em geral, por várias perspectivas percebe-se que a temática tem sido amplamente discutida na disciplina, partindo do fenômeno migratório e da verificação de relação dialética entre um interior e um exterior, isto é, a unidade e a diferenciação, considerando tal dialética e seus desdobramentos culturais para analisar alteridades nas metrópoles contemporâneas, onde o foco, segundo o nosso autor, não está somente nos conflitos, mas estes também circunscrevem os aspectos das trocas, as alianças e as interações embutidas neste fenômeno que constituem a própria vida social moderna, através do reconhecimento explícito ou implícito de interesses e valores diferentes, buscando compreender o que eles têm de específicos para troca ou para compartilhar (TCHAM, 2016, p.196).

⁴ <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/>

⁵ Lei da Migração n. 13.445 de 2017.

⁶ Programa Estudante Convênio de Graduação foi criado em 1964, e é desenvolvido pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com as Instituições de Ensino Superior (federais ou estaduais). Oferece vagas de curso de graduação a estudantes de países em desenvolvimento que possuem acordos de cooperação educacional, cultural ou científico-tecnológica com o Brasil.

Em seu trabalho etnográfico sobre estudantes africanos nas universidades gaúchas, Mungoi (2012) relata que os estudantes chegam ao país como angolanos, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, senegaleses, mas logo imediatamente tornam-se todos estudantes africanos. A autora discute no trabalho que as identidades múltiplas (nacionais, continentais e raciais) desses estudantes são permeadas por ambiguidades, conflitos, fortalecimento das redes e desafios. E, por meio de festas, vestimentas, comidas típicas, danças e outras práticas e vivências cotidianas, esses grupos procuram construir, fortalecer e ressignificar novas possibilidades identitárias, individuais e coletivas, nacionais ou continentais, culturais e econômicas, entre tantas outras.

A dinamicidade dos fenômenos migratórios também resulta em desafios para construção, elaboração e ressignificação de novas identidades. Como manter suas raízes e aspectos culturais dos seus países de origem e também ao mesmo tempo dialogar com novos lugares, identidades, temporalidades? O desafio dessa negociação é colocado a todo o momento.

Sobre identidade, o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2006) faz uma importante e necessária discussão sobre a insuficiência do conceito de identidade cultural no mundo contemporâneo. Cita o “descentramento” das identidades no mundo pós-moderno, onde anteriormente gênero, classe, nacionalidade eram importantes marcadores e categorias que ajudavam e definiam conceitos e identidades. Com a “crise de identidade” impulsionada pelas complexidades do mundo pós-modernos, novas demandas, adensamentos dos fluxos de pessoas e de capital financeiro, as reorganizações políticas e as novas tecnologias, o sujeito desloca-se em relação ao seu mundo sociocultural e em relação a si mesmo. Há criação de novas características temporais e espaciais, surgindo identidades múltiplas, em constante transformação, contradições e desafios:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.... Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente (HALL, 2006, p. 13).

Como conclusão provisória, parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e “fechadas” de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas (HALL, 2006, p. 87).

Àqueles que migram são colocados tensões e desafios, necessidade de dialogar com o seu passado e seu futuro, com seus valores, identidades grupais, de gênero, suas histórias, laços familiares e intergeracionais, raízes religiosas, novas territorialidades, outros costumes, espaços desconhecidos, outras línguas, embates, diferenças e convergências, ambivalência, negociações

constantes com essa nova configuração (VÉRAS, 2017). Ao mesmo tempo, os diálogos interculturais emergem, possibilitando novas formas de relação, de intermediação, de convivência e de entendimento que novos arranjos também são possíveis. Dantas (2017) afirma que interculturalidade é diálogo e inter-relação.

Mariama Camara: performances africanas em São Paulo

Mariama Camara é uma artista de múltiplas linguagens: dança, percussão e canto, além de integrar coletivo de música e dança no Brasil. Chegou ao Brasil em 2008, é da República da Guiné, e vive em São Paulo com o marido e a filha. Tem apresentado um trabalho de interlocução cultural da dança e da música da Guiné e de matrizes africanas. Ministra aulas de danças africanas da Guiné e da África do Oeste, e de percussão, além de ter um extenso trabalho aqui no país de apresentações artísticas, oficinas culturais e educativas, vivências e *workshops* sobre a temática do continente africano e de seu trabalho artístico, com o seu grupo de trabalho conhecido como *Limanya*. Conheci Mariama através de uma amiga pessoal, que era sua aluna no curso de dança africana. Após as intermediações, Mariama aceitou meu convite de participar da pesquisa.

No seu país de origem, Mariama era bailarina da companhia guineana *Les Ballets Africains es Ballets Africains* (importante companhia nacional de dança da Guiné, que busca a divulgação da cultura africana tradicional), e trabalhou com artistas consagrados como Youssou N'dour, Youssouf Koumbassa e Salif Keita. Desde então sempre trabalhou com linguagens artísticas (dança, canto, percussão) e sua interface com a educação. Veio ao Brasil a convite de um amigo de uma companhia de danças com projetos ligados à escola francesa *Liceu Pasteur*. A partir de alguns contatos, começou a fazer algumas apresentações e ministrar as aulas de danças africanas e da Guiné.

No seu trabalho, além da questão da música e da dança, Mariama promove a valorização da temática do continente africano e a contextualização dessas linguagens artísticas. Assim, cada coreografia ou expressão corporal, os diversos ritmos, a percussão, os cantos entoados, os instrumentos musicais e tantos outros elementos são inseridos em sua historicidade, com suas funções, sentidos, origens, simbologias. Explica, por exemplo, a origem de cada instrumento musical utilizado (*djembe*, *kasar*, entre outros), faz um trabalho de preparação vocal e corporal no aquecimento das aulas, contextualiza as danças, os gestos e os movimentos com suas simbologias e sentidos.

Em um dos eventos presenciados no processo de trabalho etnográfico da pesquisa, em novembro de 2015, acompanhei uma oficina ministrado por Mariama e seu grupo de trabalho,

oferecida para a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, num programa de formação para jovens. Dividida em três momentos, a oficina consistiu em uma contextualização sobre a temática de África, a discussão sobre a migração africana no Brasil e o percurso de Mariama, além de uma discussão sobre xenofobia, direitos humanos e diversidade cultural na migração. No segundo momento, uma roda de conversa sobre literatura africana e tradição oral, comandada por seu marido, Assane Mboup, grande conhecedor e estudioso no assunto. E num terceiro momento, uma vivência de dança e canto, coordenada por Mariama.

Em um único evento, Mariama consegue tecer reverberações em muitas esferas, onde dialoga com a juventude, público principal da oficina, e traz elementos importantes para reflexão: migração, direitos humanos, protagonismo das mulheres africanas em espaços culturais, a dimensão dos saberes africanos. Traz assim, a sensibilização desses jovens para temas pouco discutidos nos contextos educacionais.

Cabe aqui ressaltar que Mariama e seu grupo de trabalho tem sido convidados a ministrar oficinas com esse formato e conteúdos semelhantes por várias cidades do país, em diferentes contextos (educacionais, artísticos, em eventos do mês da Consciência Negra, acadêmicos e outros). Ao circular por esses diferentes espaços, Mariama levanta pautas importantes para reflexões necessárias e urgentes: migração e refúgio, direitos humanos, xenofobia. Além disso, também traz as temáticas africanas da ancestralidade, tradição oral, religiosidade, modos de viver, também sob perspectivas artísticas e de valorização cultural e reconhecimento artístico. A temática da África é aqui mais uma vez trabalhada em uma dimensão de valorização e identitária aberta e histórica (MBEMBE, 2010).

Além disso, a interface entre arte e educação pode e se configura como caminho possível e potencializador para fomentar a Lei nº 10.639, de 2003, que prevê a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas unidades de ensino no país. Ao inserir esses elementos nesses espaços e na sociedade brasileira, abre-se possibilidades, diálogos, interculturalidade, questionamentos das práticas coloniais e pós-coloniais, ações emancipatórias (FABIÃO, 2011).

Mariama deu aulas de percussão ao *Grupo Ilú Oba de Min*⁷, associação cultural paulistana com trabalhos relacionados às culturas de matriz africana, afro-brasileira e à mulher, com importante relevância na cena artística. Esse grupo tem ganhado destaque em apresentações culturais, blocos de carnaval de rua e também por conta da pauta da discussão de gênero. Mariama é valorizada pelas atividades como professora, por seu conhecimento técnico e trabalho artístico, fortalecendo simbolicamente, ao mesmo tempo, o conjunto das sociedades e das culturas africa-

nas nesses espaços. Atualmente Mariama também faz parte do grupo *Orquestra Mundana Refugi*, composta por artistas brasileiros, refugiados e imigrantes de vários países (Palestina, Ira, Congo, Guiné), sob coordenação musical de Carlinhos Antunes. Ambas são inserções importantes e que acabam mobilizando outras oportunidades e agenciamentos às atividades de Mariama.

A música compõe-se como elemento essencial e indissociável nos processos de trabalho de Mariama, conferindo temporalidade, ritmo e movimento às danças, e também é sempre contextualizada. Mariama prioriza a dança tradicional da Guiné, por conta das suas origens, mas também faz um extenso trabalho de pesquisa e experimentação para trazer também expressões de outros países e outras culturas. Assim, utiliza-se de outras fontes para também compor a diversidade das danças tradicionais africanas do Mali, Costa do Marfim, do Senegal, traz ritmos musicais diversos e também dialoga com as expressões e linguagens de matrizes africanas e afro-brasileiras. Mariama entende e traz suas falas a importância dessas interlocuções, da necessidade de diferenciações para depois disso, promover a costura entre as diversas possibilidades de diálogos.

As dimensões dos trabalhos de Mariama com dança, música, percussão, canto, vestuário, literatura, canto, são múltiplas linguagens artísticas que conectam territorialidades, historicidade, origens, símbolos, identidades e projeções.

Lenna Bahule: musicalidades e travessias

Lenna Bahule, moçambicana, residiu cerca de sete anos em São Paulo, de 2012 a 2019. É cantora, arte educadora e ativista cultural, desenvolvendo trabalhos de música vocal, percussão e jazz. Também oferece oficinas de vivências e brincadeiras moçambicanas, além de atividades e pesquisa na interlocução com voz, corpo e movimento. Durante processo de trabalho de campo, encontrei o trabalho de Lenna no *Visto Permanente*⁸, fiz contato e ela prontamente aceitou o convite para uma conversa e posteriormente para a pesquisa.

Desde criança sempre estive ligada à música, seja por influência do pai, engenheiro de som e grande apreciador de música, seja por ter frequentado escola de música na infância. Na época em que cursava graduação (em Ciências Biológicas) que começou a desenvolver apresentações musicais, além de trabalhos de compositora, arranjadora e vocalista, integrando a banda *Nkhuvu*, bastante conhecida em Moçambique. Abandonou a faculdade em 2011 e desde então tem trabalhado na área artística e musical. Em 2012 veio ao Brasil por motivações pessoais, sua

⁷ www.iluobademim.com.br

ideia original era um curso nos Estados Unidos (*Berklee College of Music*, em Boston), mas na época perdeu o período da matrícula, e sem condições financeiras para retornar a Maputo, começou a trabalhar aqui em São Paulo, e desde o início fazia apresentações e shows em algumas casas musicais na cidade, como o *Jazz B* e *Jazz nos Fundos*, além de ministrar aulas de canto e oficinas culturais sobre jogos e brincadeiras infantis de Moçambique.

A experiência musical de Lenna, segundo a mesma, foi muito influenciada pela música brasileira, onde ainda em Moçambique teve contato com o repertório de artistas brasileiros nos seus shows e apresentações, onde inclusive também fez parte de uma banda que fazia apresentações de músicas de Música Popular Brasileira e, ao vir para cá, pode aprofundar e ampliar essas influências, criando conexões interessantes com o seu trabalho já desenvolvido. Ela mesma cita, entre influências importantes, nomes como Naná Vasconcelos, Hermeto Pascoal, música corporal dos Barbatuques, ritmos sonoros de coco e maracatu.

Outra dimensão importante da sua trajetória apreendida no trabalho de campo, é a sua relação com o espaço urbano, onde, na sua fala, essa relação é sempre permeada de muitas contradições, descobertas, encantamentos, desafios e tensões. Os contrastes culturais, ao se deparar com uma grande metrópole, as dificuldades financeiras, a relação paradoxal estabelecida com a cidade, com muitas exigências, estímulos e problemáticas é presente no seu discurso. Desde longas caminhadas pela cidade, entraves burocráticos, experiências gastronômicas e culturais, organização de atividades cotidianas, arranjos econômicos, conexões com novos artistas, são citados como experiências significativas no seu processo para se estabilizar e conseguir localizar-se nesse processo de descoberta num novo espaço e num novo projeto de vida.

Assim, esses desafios são permeados por uma relação dialógica e intercultural, onde há uma necessidade de reconhecer-se num cenário novo, criar novas relações, decifrar códigos culturais diversos, vivenciar sua cotidianidade em novos territórios, dialogar com suas identidades, sempre em processo em constante movimento e mutação. As dimensões subjetivas e identitárias são permeados por muitas experiências, dúvidas, tensões, questionamentos. Lenna demonstra e vivencia isso de maneira bastante significativa, referindo que somente após essa experiência com a cidade e seu processo interno consegue retomar sua história, suas raízes para construir novos horizontes, inclusive artísticos.

Em 2016 gravou e lançou aqui no Brasil o álbum autoral *Nômade*⁹, e desde então ganhou destaque no cenário musical contemporâneo em São Paulo. A construção desse álbum foi um desafio profissional e pessoal de Lenna. Contou com a participação de artistas do Brasil e de Mo-

⁸ Projeto que consiste em acervo multimídia de histórias e trabalhos de artistas migrantes no Brasil. www.vistopermanente.com

çambique, é cantado em português e também em *swahili*, *changana* e *chope* e conta com influências musicais diversas, onde também resgata suas raízes e ancestralidades da sua terra natal e dialoga com outras linguagens e influências musicais brasileiras. Esse trabalho conta com muita melodia, trabalho de voz e expressão corporal, sonoridades diferentes. Os trabalhos flertam com suas raízes, mas também dialoga com a modernidade, as misturas, ancestralidades e projetualidades, compondo um trabalho sensível e poético.

Além de ser um marco na sua carreira profissional, esse trabalho foi de extrema importância na sua trajetória pessoal. A partir do processo de construção do álbum, percebeu a necessidade de olhar internamente e dar sentido para sua trajetória, reaver memórias, lembrar de pessoas fundamentais no seu processo, escolher os parceiros das músicas, que deveriam ser compostos tanto de brasileiros, por suas influências musicais, quanto de artistas africanos, já que também era imperativo que resgatasse e marcasse suas raízes e lugares de pertencimento.

Assim, Lenna vivencia o desafio colocado àqueles que migram, das identidades em movimento, da necessidade colocada em inserir-se nos novos códigos culturais, das adaptações ao novo país e seus desafios, e ao mesmo tempo confrontar-se com sua história, sua ancestralidade, precisando transitar entre identidades e linguagens múltiplas e renovadoras para dar novos sentidos aos seus fazeres e criações.

Com o lançamento do álbum, aliado ao seu trabalho já consolidado na cidade desde que chegou ao Brasil, Lenna ganhou visibilidade na cena musical paulistana, com apresentações artísticas, parcerias, oficinas culturais e educativas, destaque nos meios de comunicação e mídias sociais. Aliado a isso, o que também contribuiu para a sua visibilidade também foi o forte protagonismo da discussão do movimento negro e da mulher negra nos debates contemporâneos da cidade de São Paulo, em diversos setores: cultural, dos direitos humanos, das mídias, movimentos sociais.

Por exemplo, Lenna foi tema de um documentário dirigido por Rose Satiko Hikiji e Jasper Chalcraft, *Woya hayi mawe: para onde vais?*, de 2018, sobre suas trajetórias entre Maputo e São Paulo. O filme foi premiado no X Prêmio Pierre Verger de Ensaio Fotográfico, da Associação Brasileira de Antropologia, em 2020.

A interlocução das expressões artísticas africanas enquanto identidade na cena cultural paulistana

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cAoKk1wAZZI>

Os processos migratórios das mulheres encontram muitas contradições, desafios e questões. Entretanto, é a partir dessa mobilidade e busca por novos horizontes que as mulheres também redesenham novas possibilidades, agenciamentos, descobertas (UNDA; ALVARADO, 2012). As mulheres africanas conseguem ir além, rompendo essa percepção redutora e estereotipada, revelam-se em grande capacidade de agenciamento em ambientes e situações de dificuldade, em territórios estrangeiros e desconhecidos.

Novas ancoragens identitárias, culturais, econômicas e sociais são modeladas nesses movimentos (DAVIES, 2010). Os desafios colocados englobam desde situações de xenofobia e racismo, arranjos econômicos para autonomia financeira, e também de adaptação de língua, costumes, relações sociais, valores culturais. Assim, vão criando novos modos e rearranjos de relações, novas identidades e remodelações, projetualidade e assim, novas possibilidades.

Tanto Mariama quanto Lenna e outras artistas mulheres africanas encontram aqui no Brasil um interesse crescente por manifestações estéticas (cabelo, culinária, literatura, música, dança) que dialogam com o resgate das raízes culturais africanas, com a valorização e importância do movimento negro e a pauta da cultura afro-brasileira. Interlocução de saberes, experiências e linguagens artísticas e estéticas são possíveis através desses encontros e dessa abertura ao novo. Colocam em pauta um novo olhar sobre a temática da África, de valorização e reconhecimento.

O movimento dessas mulheres, dos seus ritmos e sua musicalidade aponta novos caminhos e abre outros espaços de pertencimento e inserção das performances africanas no contexto artístico da cidade. São linguagens novas e possíveis que podem fazer interlocução com outros campos da educação e das artes.

Assim, musicalidade, expressão corporal, percussão, dança, canto são linguagens artísticas presentes nos trabalhos das interlocutoras, que ganham múltiplos significados quando encontram ressonância aqui. Ao mesmo tempo que se constituem como elementos identitários, são carregados de historicidade de cada uma das interlocutoras, e também ganham projetualidade nas relações dialógicas estabelecidas com os outros atores sociais. E ainda são também dimensões de identidades africanas que ganham cada vez mais espaço e destaque nos veículos de comunicação, mídias e redes sociais, inserindo a temática africana em espaços de pertencimento, reconhecimento e contribuição artística.

A inserção dessas mulheres nas cenas artísticas, nos diversos espaços de cultura, arte e educação também remodelam o contexto urbano, sendo permeado por essas novas configurações e interculturalidades. Concomitantemente, a cidade de São Paulo apresenta uma efervescência cultural nos movimentos da periferia, através de saraus, coletivos artísticos, apresentações, muitos deles pautando a valorização e a discussão do movimento negro e as manifestações da cultura

afro-brasileira, que acabam dialogando com as narrativas das mulheres africanas. Célia Reis da Silva (2016), em tese de doutorado sobre o cabelo crespo enquanto manifestação estética e de resistência, analisa os coletivos da periferia de São Paulo enquanto práticas culturais identitárias:

Coletivos culturais em ações pedagógicas afro-populares são aqui tratados, devido às intervenções artísticas e formativas que realizam, promovendo reflexões acerca do corpo negro, do racismo, da diferença racial, a estética corporal de matrizes africanas, visando provocar “fissuras” nos padrões de beleza e saberes eurocentrados, em espaços e situações de educação escolar e popular. Coletivos como: Manifesto Crespo, Terça Afro, Perifatividade, Boneca Makena, Esperança Garcia e Arca de Ébano tem seu ativismo pautado em práticas formativas colocando, no centro da roda, diálogos sobre culturas afro-brasileiras e pertencimentos africanos, favorecendo movimentos e atitudes de negritude, com reconhecimento de suas estéticas e saberes e valores, enfim, afirmando identidades negras (SILVA, 2016, p. 110).

Assim, a multiculturalidade da cidade abarca diversos processos, desde a mobilização da periferia, como citado anteriormente, o movimento negro, o protagonismo de gênero e da juventude, o fortalecimento da população migrante. Essas novas configurações dos espaços urbanos, nas suas relações dialógicas criam novos desafios, possibilidades de diálogos entre os diversos atores, trocas culturais, novos espaços de pertencimento e agenciamento e mostram que outras formas relações com o espaço urbano e com novos atores sociais são possíveis (MAGNANI, 2002).

Também observamos isso no cenário cultural, onde a cidade de São Paulo constrói interfaces com as diversas linguagens artísticas das interlocutoras, com elementos da dança, música, percussão, canto, expressão corporal, criando reverberações e afetações para além da migração. Assim, quando Lenna e Mariama apresentam-se em espaços reconhecidos da cena cultural paulistana, como o Serviço Social do Comércio (SESC), a Casa Natura Musical e Galeria Olido, por exemplo, abrem espaços de diálogos importantes, mostrando que outras manifestações artísticas e outras temáticas não hegemônicas podem ocupar esses lugares.

Além disso, ambas tem ganhado repercussão nos veículos de comunicação, impulsionadas também pelas divulgações e reverberações das mídias sociais, com entrevistas, tanto em mídias voltadas às temáticas afro-brasileiras e africanas quanto de veículos especializados em arte e cultura¹⁰. Suas trajetórias são exemplos de experiências múltiplas de expressões artísticas africa-

¹⁰ <http://www.afreaka.com.br/notas/lenna-bahule-nomade-mensageira-entre-africa-e-brasil/>
<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/entrevista-com-a-cantora-mocambicana-lenna-bahule-sobre-disco-nomade>
<http://www.omenelick2ato.com/musicalidades/ser-estar-e-pertencer-lenna-bahule>
<https://solanomundo.com.br/mariama-e-o-coracao/>
<https://obeijo.com.br/espetaculo-mariama-camara-leva-publico-a-universo-das-esteticas-tradicionais/>
<https://esteticasdasperiferias.org.br/2016/desvendando-a-cena-dos-tambores-ao-tamborcao/>

nas que vem ganhando cada vez mais destaque e se inserem no reconhecimento e contribuição dos seus trabalhos para o campo das artes.

Considerações Finais

A pauta da migração contemporânea na cidade de São Paulo é permeada por muitos desafios: reivindicação de direitos humanos, combate à xenofobia, construção de diálogos interculturais, reordenamento dos serviços para novas demandas sociais, culturais e econômicas, inserção dessas temáticas nos vários espaços e dimensões da cidade. Na cena artística contemporânea de uma cidade cosmopolita como São Paulo, o desafio também é colocado a essas mulheres que escolhem a cidade como local de destino. Deparam-se com um cenário artístico multicultural, diverso, potente e vibrante. Os desafios implicam agenciamentos econômicos para manterem sua rotina cotidiana, para reconhecimento do seu trabalho artístico, e também o desafio do diálogo intercultural, de estabelecer relações de trocas culturais e pontes com outras linguagens artísticas, assegurar a importância e relevância do arcabouço artístico cultural das suas origens.

A migração africana no contexto da sociedade brasileira é pauta de discussão acadêmica e tem sido também debatida nos veículos de comunicação e em diversos espaços da sociedade civil. Como recorte deste trabalho, procuramos a reflexão a partir das narrativas de duas interlocutoras e suas trajetórias de vida e de trabalho artístico. As identidades são remodeladas em processos em constante transformação, produzindo novos desafios, indagações, oportunidades. Serem reconhecidas e valorizadas pelos seus trabalhos também traz contribuições para a inserção de temas relevantes para o cenário contemporâneo: migração africana, protagonismo de gênero, África e sua relevância cultural e artística.

A cidade de São Paulo tem apresentado uma cena artística contemporânea interessante, dentre várias dimensões, tem contemplado a valorização da temática artística africana nesse cenário, em várias linguagens: dança, música, expressão corporal, percussão. Mariama e Lenna, cada uma nas suas trajetórias de vida e de projeto migratório, inserem-se com destaque nesse cenário artístico, ganhando repercussão pelas suas narrativas e contribuições para a multiculturalidade da cidade. Dialogam assim, com vários espaços, sejam da cultura, educação, direitos humanos, da arte, entre tantos outros.

Mariama dialoga com as manifestações tradicionais africanas, especialmente da África do Oeste, recupera e coloca em evidência a ancestralidade e a oralidade. Lenna faz uma costura interessante que flerta com a cena musical cosmopolita, traz para seu trabalho questionamentos sobre seu próprio trabalho criativo e sua vida. Cada uma à sua maneira, com sua história e seu movi-

mento migratório, conseguem de uma certa maneira, manter a continuidade dos seus trabalhos e além disso, reescrevem suas trajetórias em outros cenários, de valorização, emancipação e reconhecimento. A mobilidade ganha múltiplos sentidos, dimensões e projetualidades.

As dimensões identitárias das mulheres africanas no campo das artes constituem-se em uma constelação múltipla, com muitas nuances e arranjos. Essas artistas tem o desafio de dialogarem com o seu legado histórico e suas raízes com as tarefas colocadas pela migração, pelos seus desafios pessoais, pela necessidade de movências em diferentes espaços, o reconhecimento dos trabalhos. São chamadas o tempo todo a transitarem entre identidades fluidas, em que ora carregam a marca da migração, ora assumem a pauta do protagonismo de gênero, ora é necessário demarcar a identidade artística. São mobilidades muitas vezes acompanhadas de ambivalência, incerteza, coerência, resistência, mas nunca excludentes. E na medida em que se lançam a essa jornada, conseguem projetar novos horizontes criativos, reinventando também novos sentidos e significados para a (s) África (s).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAENINGER, R.; DEMETRIO, N. B.; DOMENICONI, J. Espaços das migrações transnacionais: perfil sociodemográfico de imigrantes da África para o Brasil no século XXI. **Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.**, Brasília, n. 56, v. 27, p. 35-60, ago. 2019.

DANTAS, S. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 55-70, jul./set. 2017.

DAVIES, C. B. Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 747-763, set./dez. 2010.

DINIZ, E. C. C. Migração feminina e redes sociais: brasileiras em Lisboa – Portugal. In: I SEMINÁRIO NACIONAL SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 2009, Curitiba. **Grupo de Trabalho 4: Cidadania, controle social e migrações internacionais**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2009. p. 2-13.

FABIÃO, T. Danças africanas e interculturalidade: práticas artísticas e pedagógicas em Portugal. **Revista Angolana de Sociologia**, Ramada, n. 8, p. 99-109, dez. 2011. Disponível em: <https://ras.revues.org/544?lang=en>. Acesso em: 25 out. 2020.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.

KALY, A. P. O Ser Preto africano no “paraíso terrestre” brasileiro. Um sociólogo senegalês no Brasil. **Lusotopie**, Bordeaux, p. 105-121, 2001.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, fev. 2002.

- MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.
- MBEMBE, A. **Arte contemporânea de África**: negociar as condições do seu reconhecimento - conversa de Vivian Paulissen com Achille Mbembe. Tradução: CARTAXO, M. J. 2010. Disponível em: <http://www.buala.org/pt/mukanda/arte-contemporanea-de-africa-negociar-as-condicoes-do-seu-reconhecimento-conversa-de-vivian->. Acesso em 10 nov. 2020.
- MIRANDA, D. S. Reflexões sobre o papel da cultura na cidade de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 105-110, 2000.
- MUNGOI, D. M. D. C. J. Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 20, n. 38, p. 125-139, 2012.
- NOVOS BRASILEIROS: os migrantes africanos que estão mudando a cara de São Paulo. **BBC NEWS**, São Paulo, 20 nov. 2018. Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45415466>. Acesso em 25 nov. 2020.
- RODRIGUES, E. F. V. **Imigrantes africanos no Brasil contemporâneo**: fluxos e refluxos da diáspora. 2014. 80f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SATO, M. T. **Vida cultural, econômica e cotidiano de mulheres africanas em São Paulo**: contribuições para a terapia ocupacional. 2017. 160f. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.
- SCHMIDT, M. L. S. Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 11-41, 2006.
- SERRANO, M. L. E. “África” em Rio de Janeiro: una cartografía sobre lainmigración contemporánea. **MEMORIAS**: Revista digital de Historia y Arqueología desde el Caribe colombiano, Barranquilla, v. 8, n. 15, p. 272- 302, 2011.
- SILVA, C. R. **Crespos insurgentes, estética revolta memória e corporeidade negra paulistana, hoje e sempre**. 2016. 196f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- SILVA, V. G. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: Edusp, 2006. 194 p.
- SUBUHANA, C. A experiência sociocultural de universitários da África Lusófona no Brasil: entremeando histórias. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 103-126, jan./abr. 2009.
- TCHAM, I. **Estar, ficar e retornar**: estudantes africanos no Brasil e os dilemas da migração. 2016. 324f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- UNDA, R.; ALVARADO, S. V. Feminización de la migración y papel de las mujeres en el hecho migratorio. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Colômbia, v. 10, n. 1, p. 593-610. 2012.

VÉRAS, M. P. B. Estrangeiros na metrópole: territórios e fronteiras da alteridade em São Paulo. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 45-54, jul./set. 2017.

Recebido em: 04/09/2020

Aprovado em: 02/11/2020